



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES

Paulo Jorge dos Santos Renner Cardoso

**“Fetxicêlu: a análise de um relato sobre a Feitiçaria em São
Tomé e Príncipe”**

Redenção, 2017

Paulo Jorge dos Santos Renner Cardoso

**“Fetxicêlu: a análise de um relato sobre a Feitiçaria em
São
Tomé e Príncipe”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como
requisito para obtenção do título de
bacharelado em Humanidades.

Orientador: Marcos Dias Coelho

REDENÇÃO- CE

2017

Paulo Jorge dos Santos Renner Cardoso

**“Fetxicêlu: a análise de um relato sobre a Feitiçaria em São
Tomé e Príncipe”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como
requisito para obtenção do título de
bacharelado em Humanidades.

Orientador: Marcos Dias Coelho

Data da aprovação: 09/12/17 NOTA: 9

BANCA EXAMINADORA

Prof. DR. Marcos Dias Coelho
(Orientadora)

Prof. DR. Carlos Subuhana
Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

Prof. DR. Danielle Ellery Mourão Universidade
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

Apresentação	5
Justificativa	7
Objetivos geral e específicos	8
Aspectos Teóricos	9
Surgimento do termo feitiçaria.....	13
Metodologia.....	18
Referências Bibliográficas:	20

Apresentação

O documentário FITXICÊLU é um dos poucos materiais que está disponível nas redes sociais, com relação a feitiçaria em São Tomé e Príncipe.¹ Trata-se de um documentário jornalístico que nos leva a conhecer e compreender alguns fatos da realidade são-tomense que diz respeito à problemática da feitiçaria, tocando especialmente na questão concernente a discriminação e maus tratos a que os idosos são submetidos no seu dia-dia, no arquipélago de São Tomé e Príncipe, pela acusação de serem feiticeiro. Essas discriminações e maus tratos são ocasionadores de sérios infortúnios nas localidades onde ocorrem.

A problemática da feitiçaria em São Tomé tem abrangido diversas áreas, entre elas, a religião e a cultura. Por conta disso, presenciamos no documentário diversas queixas, relatos e explicações, de pessoas ligadas ou não a instituições não governamentais e humanitárias, como a Cruz Vermelha e a Santa Casa da Misericórdia. Estas pessoas e instituições vêm lidando constantemente com a situação em diversas partes da ilha, conhecendo bem de perto a situação e apoiando constantemente na busca por uma solução da problemática de todas as maneiras possíveis.

Debates acerca da feitiçaria têm aumentando gradativamente por parte de diversos pesquisadores, que abordam a temática em todas as áreas do saber e de novas formas. Por isso, decide trabalhar com o tema para tentar entender, de acordo com o filme, quem são as principais vítimas das acusações de feitiçaria, analisar por qual razão essas pessoas são acusadas de feiticeiras e, conseqüentemente, tornam-se vítimas de discriminação e maus tratos; não esquecendo de apontar quais as posições e medidas tomadas pela entidade do governo para fazer frente a essa problemática.

De acordo com os textos que estão sendo analisados acerca da feitiçaria, percebi que o assunto é de extrema importância, e as pessoas por não o conhecerem e não conseguirem diferenciar, têm confundido termos como feitiçaria, bruxaria, curandeirismo, que são práticas com conseqüências diferenciadas. O problema tem sido negligenciado por parte significativa da sociedade, que mesmo sabendo do impacto negativo que o problema reflete, causando na sociedade santomense, morte, maus tratos,

¹ **FITXICÊLU: Crenças, estigmas e ostracismo.** São Deus Lima. São Tomé e Príncipe, Gerson Soares Produções (GSP), 2016. Min.39:05

abandono, e todo tipo violências direcionadas a pessoas idosas, ainda se tem feito muito pouco. Caso contrário, medidas teriam sido tomadas para evitar, discutir, investigar ou buscar uma solução do Estado para resolvê-lo.

Pelo que pude perceber no documentário, o próprio governo Santomense, vem demonstrando negligência para com fenômeno. Aspecto que se confirma, por meio da rejeição das 59 recomendações indicadas pelas Nações Unidas sobre os direitos humanos, entre as quais figuram dois aspetos relacionados com a questão da bruxaria e da feitiçaria. O governo alegou não ter necessidades para tal medidas que tinham como objetivo reforçar o estado santomense para que cumprisse algumas medidas de proteção as vítimas. Outro indício do descaso, senão da ação deliberada em ocultar o problema, subjaz na atitude do Conselho Superior de Imprensa, que excluiu o documentário do prêmio de jornalismo realizado em finais de 2016, por alegado “capricho”, o que só dá a entender que o tema ainda não é de grande relevância no País.

Isso nos leva a refletir que existe claramente uma enorme relação entre os acusados de serem feiticeiros e a posição sócio econômica que ocupam em São Tomé, visto que nunca se observou denúncias de acusações contra nenhuma pessoa que ocupa uma posição de destaque na sociedade santomense,² porque se houvesse, é possível que o assunto seria tratado com maior importância. Evans-Pritchard indica a importância da hierarquia social presente também na sociedade Azande,

Governantes da província, delegados distritais, cortesãos, comandantes de companhias militares e outros plebeus de riquezas e posição não costumam ser acusados de bruxaria, a não ser por um príncipe-movido por suas próprias razões ou pela necessidade de reagir à morte de algum outro plebeu influente.³

Embora em contextos muito diferentes, percebe-se uma grande semelhança entre essas duas sociedades, pois percebe-se a diferença de tratamento dispensados a pessoas que ocupam posições de alto reconhecimento social. Estas nunca são acusados de feiticeiros, exatamente como nos é mostrado no documentário.

O presente trabalho visa primordialmente analisar os relatos sobre a feitiçaria em São Tomé e Príncipe inseridos no documentário FITXICÊLU: Crenças, Estigma e Ostracismo” de São Deus Lima.

² **FITXICÊLU: Crenças, estigmas e ostracismo.** São Deus Lima. São Tomé e Príncipe, Gerson Soares Produções (GSP), 2016. Min 22:08

³ EVANS-PRITCHARD, Edward; **bruxaria, oráculos e magia entre os azande**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2005. p.41.

O filme está carregado de narrações muito enriquecedoras, pela qual tentarei cuidadosamente trabalhar a temática, para tentar expor esse enorme problema que tem afligido a sociedade santomense, causando inúmeras agressões às pessoas que são acusadas de feitiçarias como abandono, apedrejamento, ofensas, e diversos outros tipos de discriminações, o que geralmente prejudica a saúde física e mental dos acusados, levando mesmo a morte, de acordo com o referido filme. O filme constitui o foco central da pesquisa, tendo em conta a dificuldade para obter as informações relacionadas com a feitiçaria em São Tomé e Príncipe, doravante STP.

Justificativa

Entre os aspectos relevantes que justificam estudos sobre a temática, posso apontar que as acusações de feitiçaria têm vindo a aumentar na sociedade santomense e tem causado o abandono por parte dos familiares àqueles que são acusados de serem feitiçeiros, problema que tem sido negligenciado por muitos nas ilhas de São Tomé.

Como mostra claramente no filme, grande parte desses idosos foram injustamente acusados e hoje se encontram nessa triste situação, em lares de idosos, onde viverá com esse estigma por resto da sua vida.

Como sabemos, os idosos são considerados a nossa biblioteca viva, como nos mostra Hampate Bá “Os grandes depositários da herança oral são os chamados “tradicionalistas”⁴. Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas”, e por isso deveríamos evitar essas situações que levam muitas vezes a morte desses idosos, e como afirma o mesmo, Hampate Bá.

Dentro de 10 ou 15 anos, os últimos grandes Doma, os últimos anciãos herdeiros dos vários ramos da Tradição provavelmente terão desaparecido. Se não nos apressarmos em reunir seus testemunhos e ensinamentos, todo o patrimônio cultural e espiritual de um povo cairá no esquecimento juntamente com eles, e uma geração jovem sem raízes ficará abandonada à própria sorte.⁵

⁴ HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI –ZERBO, Joseph. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**, 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. P.174

⁵ Ibidem, p 176.

Dessa forma, essa pesquisa pode contribuir para proteger grande parte das nossas histórias e culturas abrigadas na memória dos idosos santomenses.

Além disso, os resultados buscados nessa pesquisa poderão contribuir para a melhor compreensão sobre o que se entende por feitiçaria em São Tomé e Príncipe e, quem sabe, indicar alguns caminhos para o problema de agressão e violência para com os idosos. Tendo em conta que uns dos motivos pelos quais a sociedade age de tal forma equivocada é justamente pela falta de conhecimento sobre assunto, essa pesquisa poderá se tornar um dos primeiros passos de uma vasta caminhada que muitos poderão trilhar, de modo a dar a conhecer melhor essa realidade e poder interferir educativamente para que a sociedade possa agir de forma diferente. Pois tem sido muito triste e lamentável, conviver com essa situação, onde pelo simples fato de ser uma pessoa idosa e não possuir boas condições financeiras ser acusado de feiticeiro.

Objetivo geral

Analisar a situação de discriminação e maus-tratos a que os idosos são submetidos em São Tomé e Príncipe, pela acusação de serem feiticeiro, tendo como principal fonte de informação o discurso do documentário FITXICÊLU: Crenças, Estigma e Ostracismo” de São Deus Lima e Gerson Soares, produzido em 2016.

Objetivos específicos

Analisar, segundo os depoimentos presentes no documentário, por qual razão e qual é a faixa etária das pessoas que são acusadas de serem feiticeiras em São Tomé e Príncipe;

Demonstrar, de acordo com o documentário, qual é a posição social geralmente ocupada pelas pessoas que são apedrejadas e vitimadas pelos maus tratos e outras formas de agressões físicas, psicológicas e morais;

Evidenciar qual é a reação das vítimas perante o ato de acusação de feitiçaria e bem assim apontar quais são as principais causas que levam as pessoas a acusarem as outras de feiticeiros.

Identificar se existe e quais são as posições e medidas adotadas pelas entidades do governo para fazer frente a essa problemática.

Aspectos Teóricos

Nas primeiras décadas após a independência ainda era de mau gosto falar muito explicitamente sobre feitiçeiros e seus negócios: isso significava “primitivizar” a África e negar a ela a possibilidade de um rápido progresso na estrada da “modernização”. Mas durante as últimas duas décadas esse discurso oculto invadiu o domínio público: agora ele é um tema dominante nos rumores da *radio trottoir*, mas também nos meios de comunicação oficiais (rádio, televisão, a seção de variedades nos jornais).⁶

Por grande intervalo do tempo, previa-se que haveria um abandono no que diz respeito aos conceitos relacionados com a feitiçaria, por conta do processo das independências, do processo de desenvolvimento tecnológico e também pelo constantes contatos com a cultura europeia, algo que não veio a concretizar em momento algum, muito pelo contrário, veio se intensificando cada vez mais ainda, atingindo assim a todos os ramos da sociedade de diversos países em que se pensava de tal forma, como mostra claramente na contextualização acima abordada. Embora exista ainda diversos países que negligenciam termos como esse, e não se preocupam em trabalhar essas questões. A prova disso é que na pesquisa que realizei no Caderno de Estudos Africanos, entre os artigos destinados a São Tomé e Príncipe, que é onde eu pretendo posteriormente investigar, não achei nada relacionado com o tema da feitiçaria.

Em contrapartida encontrei um número elevado de trabalhos relacionado com a mesma temática, grande parte deles produzidos por intelectuais e pesquisadores estrangeiros tratando diretamente de contextos africanos, como iremos contextualizar ao decorrer do projeto de pesquisa.

Para trabalhar mais nessa questão, trago as contribuições de Geschiere, que vem nos reafirmar que nos últimos tempos a temática sobre feitiçaria tem sido bastante pesquisada por parte de diversos pesquisadores que se interessam pela temática, não só na antropologia como cita o texto do Geschiere, mais também em diversas outras áreas do conhecimento, contribuindo constantemente para a melhor compreensão do tema, o que o torna em algo muito extenso,

⁶ GESCHIERE Peter, Feitiçaria E Modernidade Nos Camarões: Alguns Pensamentos Sobre Uma Estranha Cumplicidade, **Afro-Ásia**, (2006) p.12-13.

O fim do último século trouxe para a Antropologia um súbito renascimento dos estudos sobre feitiçaria — algo surpreendente no final de um século tão fortemente voltado para o moderno. Na verdade, esse renascimento foi profundamente marcado pela modernidade. Após muitas décadas de relativa negligência, o velho tema antropológico da feitiçaria-bruxaria reemergiu de forma bastante expressiva, mas agora em nova roupagem: a maioria das novas publicações vinculava-o mais ou menos explicitamente às mudanças modernas. Obviamente, ambos os termos, “feitiçaria” e “modernidade”, são altamente problemáticos, ainda que por distintas razões. “Feitiçaria” (assim como “bruxaria”, “magia” “sorcellerie” etc.) é uma tradução precária — especialmente em virtude das implicações pejorativas desta noção ocidental — de termos africanos que em geral têm sentidos muito mais amplos e poderiam, portanto, ser mais bem traduzidos por expressões mais neutras tais como “força oculta” ou mesmo “tipo especial de energia”.⁷

Bruce Kapferer na sua abordagem menciona que “o principal argumento subjacente à discussão é o de que a feitiçaria, ou o que antropólogos conceituam como sendo feitiçaria, é sempre algo já moderno” reafirmando as falas do Geschiere.⁸

Este projeto de pesquisa baseou-se alguns textos, mais quatro deles foram fundamentais para sua contextualização, o primeiro texto utilizado é de Evans-Pritchard, que é um clássico, cujo autor contribui inicialmente para o tema, relatando eventos sobre a bruxaria, mostrando detalhadamente as situações que ocorreu entre os Azande, no norte da África Central.

Peter Geschiere é outro autor relevante para o desenvolvimento da pesquisa, trazendo contribuições do âmbito internacionais para a pesquisa.

Suzane Pêpe, também ajudou bastante, uma autora brasileira que também desenvolveu seus trabalhos nessa área.

Tendo em conta que o meu foco aqui é fazer posteriormente uma pequena análise de uma situação relacionada diretamente com a feitiçaria que tem ocorrido constantemente na sociedade santomense, segundo o documentário acima indicado, trago ainda o livro do Padre Miguel Gomes, que também reflete acerca da temática e aborda intensamente o conteúdo, mesmo inclinado para o lado da religião, é o único trabalho disponível relacionado a feitiçaria em São Tomé e Príncipe.

⁷ GESCHIERE Peter, **Feitiçaria E Modernidade Nos Camarões: Alguns Pensamentos Sobre Uma Estranha Cumplicidade**, *Afro-Ásia*, (2006), p.9

⁸ KAPFERER, Bruce. **Feitiçaria, modernidade e o imaginário constitutivo: continuidades hibridizantes**, Rio de Janeiro, 2015, p. 40

Durante o levantamento nos trabalhos desses autores foi percebido que seria necessário fazer uma extensa pesquisa bibliográfica. Como a própria Pêpe (2009, p. 53) no seu artigo, *Feitiçaria: Terminologia e Apropriações*, afirma ter feito uma profunda revisão bibliográfica, tomando como referência principal os ensaios de William Pietz, Evans-Pritchard, De Brosses, Frazer e Karl Marx, Robert Farris Thompson, Max Gluckmann, e Mary Douglas.⁹

Na pequena revisão bibliográficas que fiz, pude perceber que cada um desses autores conceituam a feitiçaria puxando sempre para sua área do conhecimento, tentando justificar ou comprovar algum fato por ele mencionado, mais nenhum foge totalmente da temática central, constatei aqui diferentes formas como abordaram a feitiçaria, mais quase todas têm seguido sempre mesma linha de pensamento, ou seja, mostrando que a feitiçaria é tida como uma manifestação maléfica feita por pessoas que manipulam as leis naturais de modo a trazer benefícios a si mesmo ou a quem lhes procura, para curar doenças ou mesmo prejudicar a vida de outras pessoas, causando diversos tipos de problemas ou até mesmo matar o inimigo por causa da inveja, cobiça, ciúme, ódio e etc.

Para uma abordagem correta, é necessário delinear bem por qual área do saber pretende-se seguir e em que sociedade se pretende trabalhar. Isto porque a feitiçaria não se manifesta de igual forma em todos os lugares, embora se encontre características comuns, cada sociedade tem as suas particularidades, podendo às vezes identificar situações diferenciadas no mesmo país. Segundo, Evans-Pritchard, “os Azande acreditam que a bruxaria é uma substancia existente no corpo dos bruxos.

Esta é uma crença encontrada entre muitos povos da África central”¹⁰. Um facto que se assemelha com a de uma determinada região dos camarões sublinhada pelo Geschiere (2006), “supõe-se que a feitiçaria resida na barriga; aqueles que a possuem podem voar à noite para encontrar seus cúmplices de conspiração em algum tipo de sabá das bruxas; ali eles trairão seus próprios parentes, entregando-os a colegas feiticeiros para serem devorados”¹¹.

⁹ PÊPE, Suzane; **Feitiçaria: Terminologia e Apropriações**; **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** Nº 3 junho/2009, p.52

¹⁰ EVANS-PRITCHARD, Edward; **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**, Jorge Zahar Editor Ltda; Rio de Janeiro; 2005 p. 33

¹¹ GESCHIERE Peter, **Feitiçaria E Modernidade Nos Camarões: Alguns Pensamentos Sobre Uma Estranha Cumplicidade**, **Afro-Ásia**, (2006), p. 24

Segundo esse autor, a questão não é algo de pouca relevância. Portanto, não é recomendado dissimular a existência do fenômeno, como ocorre em alguns países, a exemplo de São Tomé e Príncipe, onde se tem conhecimento da problemática, mas finge-se que ela não faz parte da sociedade. Segundo Evans-Pritchard, para os Azande que vivem com diversos tipos de constrangimento e situações diárias, a feitiçaria é algo totalmente normal. Nessa sociedade, as pessoas que são vítimas de infortúnios tomam logo as providências necessárias e quando as pessoas morrem, as mortes são investigadas. O autor mostra que a bruxaria não é apenas um traço físico, mas também algo herdado.

Uma particularidade encontrada nessa sociedade, é que entre os Azande ela é transmitida por descendência unilinear, dos genitores a seus filhos. Os filhos de um bruxo são todos bruxos, mas não; as filhas. As filhas de uma bruxa são todas bruxas, mas seus filhos, não”. O que pelo visto vem aparentemente mostrar que existe um número elevado de bruxos na região de Azande. O autor conta que até mesmo as crianças se encontram bem envolvidas com essa questão da feitiçaria, pois afirma que,

Desde cedo as crianças ficam sabendo sobre a bruxaria. Conversando com meninas e meninos pequenos, até seis anos constatei que compreendem bem o que os mais velhos estão dizendo quando falam disso. Disseram-me que, numa briga uma criança pode vir a mencionar a má reputação do pai de outra criança. Entretanto, as pessoas não compreendem a verdadeira natureza da bruxaria até que sejam capazes de operar com segurança os oráculos, de agir em situação de infortúnio conforme as revelações oraculares e de praticar a magia o conceito se expande junto com a experiência social de cada indivíduo.¹²

A feitiçaria está tão presente e enraizada na sociedade Azande que tem sido o principal método por meio do qual os Azande tentam encontrar explicação e repostas para os diferentes problemas que acontecem entre eles. Baseando somente na bruxaria, muitas explicações sequer são buscadas em outros campos, a não ser que já tenha sido evidenciado por um oráculo do veneno que não é bruxaria. Assim que alguém sofre um mal, a primeira coisa que a pessoa faz é refletir se está em dívida com alguém ou tenta lembrar se falou algo de errado para qualquer pessoa, se fez algo que não devia, que mesmo não intencionalmente causou algum tipo de dano material ou emocional a outra pessoa.

¹² EVANS-PRITCHARD, Edward; **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**, Jorge Zahar Editor Ltda; Rio de Janeiro; 2005. P.40

Surgimento do termo feitiçaria

Para uma correta abordagem dessa temática, creio essencialmente fazer uma longa viagem aos contatos com os primeiros europeus e para isso baseei nas explicações de Pêpe (2009), presente no artigo do PIETZ (1985), no qual ele afirma que a feitiçaria surgiu,

nos séculos XVI e XVII, no espaço de cruzamento de culturas, na costa oeste da África, onde ocorria o tráfico de escravos. Nessa época, teria se desenvolvido a palavra portuguesa “fetisso” (feitiço), usada na Baixa Idade Média para designar “práticas mágicas” ou “bruxaria” (PIETZ, 1985, p. 5).¹³

Por vários anos os portugueses exploraram o continente africano, com objetivos de extraírem todos os tipos de riquezas minerais, mão de obra barata, escravos na qual utilizavam como matérias primas essenciais para atingirem o maior índice de desenvolvimento industrial, tendo em conta que o processo da dominação colonial não teve somente dimensão econômica mas carregava em si as dimensões culturais e epistemológicas, o conhecimento dos povos africanos eram, em certos casos, negligenciados e considerados menos relevantes, passando os europeus a transmitir os seus próprios conhecimentos.

Partindo do princípio de que na África pré-colonial a maioria das sociedades africanas praticavam a economia de subsistência, onde existia pouco individualismo e predominava o coletivismo, grande parte das pessoas produziam somente o necessário para sua sobrevivência, os africanos em sua maioria não sentiam a necessidade de transformar as suas matérias primas e produzir os seus próprios utensílios para exportação ou competir com o exterior, como faziam os europeus. É importante ressaltar que os povos africanos já viviam organizados de acordo com as suas tradições e histórias, o que vem mudar completamente com a chegada dos portugueses.

Nesse encontro, houve um choque muito grande entre as culturas, isto por conta do eurocentrismo, onde os portugueses sempre consideravam as suas cosmovisões como superiores, desvalorizando os valores políticos, socioeconômicos e religiosos preexistentes nas sociedades africanas.

¹³ PÊPE, Suzane; Feitiçaria: Terminologia e Apropriações; **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** Nº 3 junho/2009, p.53

Diante desse menosprezo aos valores africanos, os europeus decidiram catequizar os africanos por acharem diabólicas as instituições religiosas africanas, a partir daí começaram a enviar constantemente os missionários para o continente africano com o intuito de convertê-las ao cristianismo.

Em 1436, quando os portugueses chegaram à Guiné, encontraram uma organização social mais complexa do que imaginavam e cultos com concepções diferentes daquelas das religiões de revelação. O pensamento cristão fez com que enxergassem a prática da idolatria pelo povo africano, porque as concepções conhecidas pelos cristãos eram as trazidas da tradição medieval: a idolatria e o pacto com o diabo ou demônio. Os portugueses não conseguiam compreender as práticas rituais no contexto africano e as confundiam com suas práticas cristãs de condenação à “bruxaria” (Pietz Apud Pepê)¹⁴.

Pêpe (2009) traz também uma grande contribuição, ao tratar dos primeiros termos utilizados para designar a palavra feitiço, afirmando que são ditas religiões fetichistas aquelas que comportam o culto ao fetiche, palavra usada na língua francesa inicialmente, derivada do português “fetisso” / “feitiço”, que quer dizer “coisa feita”¹⁵.

Explica também que no contexto das religiões, o feitiço implica a personificação de objetos materiais, a crença em um poder sobrenatural que atua para que determinada coisa aconteça, além de práticas determinadas. O feiticeiro é quem faz o feitiço, o manipulador de forças sobrenaturais.

Segundo o Padre Miguel Gomes, há cinco motivos que levam as pessoas a frequentarem ou a praticarem a feitiçaria em São Tomé e Príncipe, entre elas encontramos a cura das doenças, o medo, a pressão social, a busca pelo poder e a curiosidade.¹⁶ Há ainda aqueles que desejam causar mal ao outro, conseguir um amor a força, destruir famílias, e outros que são causados pelo sentimento de inveja e desejo de destruir ou proteger do inimigo.¹⁷

¹⁴ PÊPE, Suzane; **Feitiçaria: Terminologia e Apropriações**; Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Nº 3 junho/2009, p.54

¹⁵ ibidem, p.53.

¹⁶ GOMES, Miguel: **Feitiçaria, Perigos e Caminhos da Libertação**, Artipol-tipográficas, Portugal, 2016. p.22.

¹⁷ Ibidem, p.27

Não confirmo nem veto as assertivas do Padre Miguel, mas acho que é preciso tomar muita cautela na análise das razões que levam as pessoas a consultarem o feiticeiro, porque se não correremos o risco de fazer abordagens muito simplistas e tendenciosas, visto que o Padre Miguel parece direcionar sua análise para o lado da religião católica nas suas explicações. Na verdade, faz-se necessário analisar outras dimensões desse mesmo fenômeno, não só a religiosa. O Padre Miguel sublinha que,

As pessoas sentem-se impelidas pelo desejo de alcançar o sucesso, por via da magia, resultados ou poderes que não conseguem obter por via natural (inteligência, estudo, capacidades, o amor de uma pessoa) e recorrem então às forças ocultas, sabe-se lá quais, dizem garantir-lhes o sucesso. As pessoas frequentam os feiticeiros por causa de um desses motivos.¹⁸

No documentário, podemos observar claramente que somente as pessoas que estão em um estado de vulnerabilidade econômica são acusadas de feitiçaria, de preferência os idosos.

São estas pessoas que vivem em situações drásticas de abandono pelos familiares, ou pelo simples facto de apresentarem características típicas dos idosos, como perder o sono ou levantar de noite. Por isso são vistas como causadores de infortúnios: feiticeiros. Mais quando se faz uma pequena análise investigativa sobre quem frequenta constantemente essas práticas, percebemos que não são somente os pobres e idosos, mais sim pessoas de todos níveis sociais, raça e gênero. As pessoas que se encontram numa boa situação econômica, são frequentadores, tendo em conta que tem as condições necessárias para gratificar este tipo de serviço.

Geralmente são essas pessoas que pretendem encontrar constantemente o conforto sem olhar para trás, nem que cause sérios males ao outro, as vezes procuram os feiticeiros de modo a sacrificar seus próprios familiares só para ter em troca a dita felicidade que tanto desejam, que no seu entender ira perdurar para sempre. Pessoas com elevado nível de condição social pagam valores surpreendentes para garantir o sucesso, ou a posição em que se encontram, de modo a não perder nenhum dos seus privilégios e status na sociedade em que se encontra, fenômeno que é perceptível em quase toda a sociedade.

¹⁸ GOMES, Miguel: **Feitiçaria, Perigos e Caminhos da Libertação**, Artipol-tipográficas, Portugal, 2016p. 27

Outras pessoas com dificuldades financeira, também frequentam essas práticas para conseguir enriquecer, Geschiere, sublinha que,

Em muitas regiões da África ocidental — especialmente ao longo da costa, mas cada vez mais também no interior —, fortes rumores circulam sobre as fontes secretas de novas formas de riqueza que são ao mesmo tempo atormentadoras e chocantes por introduzirem novas e fulgurantes desigualdades... Seu núcleo é mais ou menos o mesmo em todo lugar: eles se referem a um novo tipo de feiticeiros que não mais canibalizam suas vítimas — como em formas mais antigas de feitiçaria — mas transformam-nas em uma espécie de “zumbi” que tem de trabalhar para eles. Essas pessoas enriquecem precisamente porque exploram o trabalho de seus zumbis.¹⁹

Os relatos sociais em torno do assunto são muito recorrentes. Em ambiente de trabalhos, algumas pessoas vão ao feiticeiro para provocar um mal ao seu colega, e consequentemente disponibilizará a vaga para o causador de infortúnios, também a questão de trocas de cargo, as substituições por alguém mais novo são atribuídas à feitiçaria.

Para os santomenses todos esses casos são reais, mas pelo fato de não poder ser comprovados, ganham o status de mitos,

As pessoas que frequentam os feiticeiros não são só apenas pessoas pobres, ingênuas, desprevenidas e analfabetas. Elas pertencem a todas as categorias de cidadãos: ricos, empresários, governantes, políticos, campeões desportivos, apaixonados desiludidos, pobres, coitados, cristãos ou não... Não falta ninguém!²⁰

Ainda segundo o Padre Miguel Gomes, os resultados no princípio após o tratamento parece estar totalmente solucionado, posteriormente a piora da situação, leva as pessoas a voltar na casa do feiticeiro e tornar essas pessoas reféns dos feiticeiros, pois o curandeiro a dar por conta que a sua dita fonte de renda quer lhe abandonar, inventa sempre milhares de desculpas e mentiras só para convencer o cliente a não desistir das suas consultas, pois sempre vai querer inventar coisas para manter as consultas do seu dito paciente.

¹⁹ GESCHIERE Peter, **Feitiçaria E Modernidade Nos Camarões: Alguns Pensamentos Sobre Uma Estranha Cumplicidade**, *Afro-Ásia*, (2006), p.15

²⁰ GOMES, Miguel: **Feitiçaria, Perigos e Caminhos da Libertação**, Artipol-tipográficas, Portugal, 2016. p.21.

“o risco é grande quando se frequenta um feiticeiro! As quedas são quase sempre desastrosas e infalíveis. Recorrer a um feiticeiro para suprimir um mal é o meio mais seguro para receber um mal. O mal só piora cada vez mais. Geralmente, quando se vai ao um feiticeiro para se tratar uma doença, numa primeira fase, parece que a doença é curada e a pessoa sente-se bem. Todavia, pouco tempo depois, a doença reaparece, com mais gravidade e a pessoa tem de lá voltar outra vez.”²¹

É importante realçar que as contribuições do Padre Miguel Gomes foram muito importantes para o desenvolvimento do projeto, assim como as outras, mais percebe-se que muitas das suas intervenções e contextualizações, assemelha-se muito com a dos portugueses.

Vimos repetidamente que as igrejas assim como os portugueses sempre negaram essas práticas da feitiçaria, ou qualquer uma pratica que sai fora da religião cristã. Justamente por não entenderem nada acerca das culturas africanas atribuíram características pejorativas tanto é que na “questão da terminologia, houve, de fato, uma mistura dos termos feitiçaria e bruxaria que revela a incompreensão por parte do europeu em relação à essência das práticas de feitiçaria que ocorriam na África.”²²

Sendo assim o livro do Padre Miguel deve ser relativizado, uma vez que o mesmo é um Padre e vai argumentar em favor da sua crença. A feitiçaria é também uma forma de crer em aspectos do sagrado que pode mobilizar consequências positivas e negativas. E muitas das coisas que ele nos remete são discursos totalmente contra feitiçaria, vitimando como algo totalmente negativo. Existem várias situações vivenciadas pelas famílias santomenses envolvidas na feitiçaria, uma que se vê com maior frequência toca principalmente nas separações dos laços entre famílias, amigos e parentes. Tendo em conta que os feiticeiros em grande parte tendem a causar mais infortúnios na vida das outras pessoas, e muitas vezes por não achar nenhum tipo de problema, inventa coisas, acusa pessoas, tudo para que o seu paciente não deixe.

²¹ GOMES, Miguel: **Feitiçaria, Perigos e Caminhos da Libertação**, Artipol-tipográficas, Portugal, 2016, p.40.

²² PÊPE, Suzane; **Feitiçaria: Terminologia e Apropriações**; Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Nº 3 junho/2009, p55

São essas percepções dos problemas da feitiçaria enunciados pelo padre Gomes que podem levar a que as pessoas enraivecidas com seus infortúnios queiram se vingar de idosos que elas supõem ser feiticeiras, mais no meu ponto de vista a principal causa disso tudo é simplesmente o sentimento de inveja que consome o ser, que acusa muitas vezes falsamente seu próprio parente de feiticeiro de modo a proporcionar uma morte antecipada, ou causara um obrigatório um afastamento daquela sociedade, visto que se o próprio familiar despreza, dificilmente alguém ira lhe acolher, e desse modo abra o caminho para que ele possa a herdar o seus bens.

Metodologia

É importante ressaltar que os documentários são trabalhos personalizados, que escolhe pessoas relevantes, tendo o cenário antecipadamente preparado com intuito de agradar a todos ou a um grupo específico de pessoas. Por isso, ele sofre diversas alterações, como demonstra Eduardo Coutinho, podemos fazer várias alterações no documentário podendo assim deformar as pessoas, dispor das suas entrevistas para manipulá-la,²³ mexendo em todo o conteúdo nele contido através da montagem, atribuindo conotações prejudiciais ou úteis. Sendo assim, há uma enorme necessidade de chamar a atenção do espectador para certos detalhes. Ao vermos qualquer tipo de documentário, é preciso ter a noção que há um discurso construído pelo produtor, pois como salienta Ricardo “o espectador simplesmente assimila o ponto de vista do cineasta, mas apenas ressalta que a desconfiança, nele, talvez não se exerça de modo contínuo e crítico”²⁴.

O documentário *Fitxicêlu* é a principal fonte que irei utilizar para refletir sobre as questões presentes no projeto.

Para entender os significados das declarações feitas às pessoas vítimas dessas acusações, fiz uma pequena pesquisa bibliográfica, necessária e relacionada diretamente com a feitiçaria, para ajudar compreensão do problema abordado.

²³ COUTINHO, Eduardo. **O Cinema Documentário e a Escuta Sensível Da Alteridade**. Proj, História, São Paulo. 15/abril/1997.p.166

²⁴ RICARDO, Laécio. **O documentário e a instilação da crença**, v. 41, 2014. P. p.51

Como o projeto foi construído com informações fornecidas pelo documentário, foi necessário estudar textos relacionado ao documentário, para dominar as melhores formas de refletir sobre as informações que nele contêm para não deixar escapar de maneira nenhuma as informações essenciais, e não e utilizar assim as menos relevantes tendo em conta que nem tudo que nele se encontram, ocorrem, ou ocorreram exatamente da maneira como estão ali sendo narradas.

Vale ressaltar que o levantamento dos conteúdos teóricos e metodológicos indicado pelo orientador para a escrita do projeto é ainda muito limitado para sustentar um sentido bem definido para a pesquisa. O presente projeto pretende dar corpo ao entendimento do fenômeno da feitiçaria em São Tomé e Príncipe, focando na análise dos depoimentos presentes no documentário FITXICELU e quem sabe dar ênfase e relevância a um problema social que afeta uma importante parcela da população santomense.

É de extrema importância realçar que hoje se encontra em grande parte dos documentários constantes ficções que quase obriga os espectadores a ver o mesmo como se fosse a realidade, imagens que são refletidas a partir do ponto de vista do diretor, por isso temos que ter uma certa visão com relação a esses aspectos. “De fato, o único critério que, nos parece, deve ser mantido para caracterizar aquilo que advém na hora de executar a leitura documentarizante é que o leitor constrói a imagem do Enunciador, pressupondo a realidade desse Enunciador.”²⁵

²⁵ODIN, Roger. **Filme documentário, leitura documentarizante**,(Ed.).Cinemas e realidades. Universidade de Saint-Etienne, 1984, p. 18

Referências Bibliográficas:

COUTINHO, Eduardo. **O Cinema Documentário e a Escuta Sensível Da Alteridade**. Proj, História, São Paulo. 15/abril/1997. p. 165-191.

EVANS-PRITCHARD, Edward; **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**, Jorge Zahar Editor Ltda; Rio de Janeiro; 2005.

GESCHIERE Peter, **Feitiçaria E Modernidade Nos Camarões: Alguns Pensamentos Sobre Uma Estranha Cumplicidade, Afro-Ásia**, (2006), p. 9-38.

GOMES, Miguel: **Feitiçaria, Perigos e Caminhos da Libertação**, Artipol-tipográficas, Portugal, 2016.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI –ZERBO, Joseph. **História geral da África**, I: Metodologia e pré -história da África, 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. P.167-212.

ODIN, Roger. **Filme documentário, leitura documentarizante**, (Ed.). Cinemas e realidades. Universidade de Saint-Etienne, 1984, p. 10-30.

PÊPE, Suzane. Feitiçaria: Terminologia e Apropriações. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** Nº 3 junho/2009, p.52-69.

KAPFERER, Bruce. **Feitiçaria, modernidade e o imaginário constitutivo: continuidades hibridizantes**, Rio de Janeiro, 2015, p.18-44.

RICARDO, Laécio. **O documentário e a instilação da crença**, v. 41, 2014. P.48-66

Referência filmográfica:

FITXICÊLU, crenças, estigma e ostracismo. São Deus Lima. São Tomé e Príncipe, Gerson Soares (GS), 2016.